

A Psicologia Fenomenológica no Brasil: Concepções e Pluralidade

Phenomenological Psychology in Brazil: Conceptions and Plurality

Victor Luis Clavisso Portugal, Adriano Furtado Holanda

Resumo

A relação entre Psicologia e Fenomenologia apresenta-se em toda a tradição fenomenológica. Atualmente identificam-se vários sentidos para o conceito de Psicologia Fenomenológica. A compreensão desse conceito possui diversas consequências teóricas e práticas. O presente estudo busca identificar as diferentes concepções do que se entende por psicologia fenomenológica na literatura brasileira. A partir das databases Scielo, Pepsic, e Lilacs, foi feita uma revisão de literatura utilizando o indexador “psicologia fenomenológica”. A análise de dados executada foi quali-quantitativa, partindo da leitura dos artigos depreendendo tanto a concepção dos autores(as) como outros dados bibliométricos. Foram selecionados 74 artigos para análise. Identificou-se que a revista “Abordagem Gestáltica” é a que mais publica na temática; relacionado à orientação epistemológica e citação autoral, os artigos situam-se principalmente utilizando Merleau-Ponty, Husserl, Heidegger, Sartre, Rogers e autores da Gestalt. Atribui-se diferentes sentidos ao referido conceito: como método descritivo, como categoria própria da fenomenologia e como abordagem psicoterapêutica.

Palavras-chave

Psicologia Fenomenológica, epistemologia, fenomenologia.

Abstract

The relationship between Psychology and Phenomenology is present in all the phenomenological tradition. Currently are identified various meanings to the concept of Phenomenological Psychology. How one comprehends this concept determines practical and theoretical consequences. The present study seeks identify the different conceptions understood by phenomenological psychology in brazilian literature review utilizing the indexer “phenomenological psychology”, through the databases Scielo, Pepsic and Lilacs. The data-analysis was quanti-qualitative, going from the reading of the articles deprehending the authors understanding as other bibliometric data. There were 74 selected articles to analysis. It was identified that the periodical “Abordagem Gestáltica” is the one that publishes more in the area; related to the epistemological orientation as authors quotation, the articles utilize Merleau-Ponty, Husserl, Heidegger, Sartre, Rogers and Gestalt authors. There are different meanings attributed to the referred concept: as a descriptive method, as a phenomenological category and as a psychotherapeutic approach

Keywords

Phenomenological psychology, epistemology, phenomenology.

Victor Luis Clavisso Portugal

**Universidade Federal do
Paraná**

Graduando em Psicologia,
Universidade Federal do Paraná.

victor.portvgal@gmail.com

Adriano Furtado Holanda

**Universidade Federal do
Paraná**

Doutor em Psicologia,
Universidade Federal do Paraná.

aholanda@yahoo.com

Introdução

Desde o início do pensamento da Escola Fenomenológica inaugurada por Edmund Husserl (1859-1938), houve uma especial atenção com a ciência psicológica¹. Estes saberes entrelaçaram-se no decorrer da própria estruturação da Fenomenologia, na virada do século XIX, tanto por Brentano e Husserl quanto por autores posteriores (BRENTANO, 1995 [1911], 2008 [1874]; BRITO, 2012, 2015; MERLEAU-PONTY, 2011; SPIEGELBERG, 1972). Constantemente presente na obra husserliana, a psicologia da época foi analisada, discutida e criticada, até o momento em que houve a formulação de um projeto de Psicologia Fenomenológica (HUSSERL, 1977 [1925]; 1927; 2008 [1954]). O desenvolvimento desse projeto viria a influenciar não apenas aspectos epistemológicos da Fenomenologia tardia de seu fundador, mas também movimentos contemporâneos de estudos em psicologia, psicopatologia, psiquiatria e ciências cognitivas, que posteriormente tiveram um rápido desenvolvimento ao redor do mundo (FUCHS, 2002; GOTO, 2015; SPIEGELBERG, 1972; ZAHAVI, 2010).

Ainda acerca da rica relação entre Psicologia e Fenomenologia, Husserl (2008 [1954]) coloca que esta diz respeito a uma forma de revelar a consciência a partir de uma consideração transcendental, opondo-se à naturalização e ao objetivismo. A respeito da primeira, Husserl acreditava que a Psicologia havia trilhado um descaminho fatal, em comparação com a tradição da filosofia transcendental na qual se considerava parte. Imposta pela ciência objetivista universal *more geometrico*, a psicologia acabou herdando o dualismo psicofísico dessas ideias. Entretanto, há mais nessa relação do que uma simples afirmação ou negação da ciência psicológica; ainda, esse debate mostra que essa confusão preliminar aponta que “a distinção entre a fenomenologia e a psicologia pode ser de difícil delimitação, e não é uma coincidência que esta relação permaneceu como interesse para Husserl até o final” (ZAHAVI, 2004, p. 339).

Como Husserl originalmente expôs no artigo para a *Encyclopedia Britannica* em 1927, Fenomenologia e Psicologia não devem ser confundidas; contudo, possuem uma relação que merece a devida consideração (HUSSERL; HEIDEGGER, 1927). Para isto, Husserl buscou formular tanto uma Fenomenologia como ciência rigorosa de natureza transcendental, quanto a possibilidade da realização de um projeto de Psicologia Fenomenológica. Esse projeto estabelece uma contraposição ao modelo de psicologia que, desde Locke e Descartes, era apresentado ao pensamento ocidental, um modelo retomado pela lente fisicalista e naturalista de sua época com relação ao tratamento da consciência humana (HUSSERL, 1977 [1925]; ZAHAVI, 2010).

No contexto brasileiro das duas últimas décadas, uma série de pesquisadores ocuparam-se da complexa área de intersecção entre Fenomenologia e Psicologia. Diversos desses trabalhos relatam a necessidade de entender de forma mais clara as várias características desta relação (CASTRO; GOMES, 2011; FORGHIERI, 1997; GOTO, 2015; HOLANDA; 2016; HOLANDA; GOTO; COSTA, 2017; ORENGO, 2017). Observa-se esta necessidade principalmente quanto à dificuldade de encontrar, nas referências bibliográficas dos autores brasileiros de Psicologia Fenomenológica, um conteúdo que expresse uma preocupação com a fundamentação dos pressupostos da Fenomenologia (GOTO, 2015).

Esta pesquisa se apresenta como uma contribuição para a relação entre Psicologia e Fenomenologia. Busca-se aqui caracterizar e clarificar o que se entende por Psicologia Fenomenológica a partir de autores brasileiros, por meio de uma revisão bibliográfica dos trabalhos que exploram esta temática. Nesta tentativa de resgate da realidade brasileira, este trabalho

1

Já na primeira edição das Investigações Lógicas, Husserl (1901) descreve a Fenomenologia como uma “Psicologia Descritiva”, no esteio da herança Brentaniana. Em edições posteriores, à medida em que desenvolve seu projeto, retira este termo, indicando uma mudança em sua concepção de Fenomenologia como algo distinto tanto da psicologia quanto de uma atividade caracterizada somente por descrições.

objetiva fornecer um panorama da produção de artigos brasileiros que falam de Psicologia Fenomenológica, entendendo esta como uma temática trabalhada inicialmente por Husserl, mas também por seus predecessores (SPIEGELBERG, 1972). Por fim, também a relevância desse trabalho se mostra devido a uma baixa produção atual na temática no que refere a uma discussão de ordem mais conceitual sobre o que se entende por Psicologia Fenomenológica².

Fenomenologia: Método, Fundamentos e Conceitos Importantes

Desde seu início na virada do século XIX, a Fenomenologia já movimentava tanto a filosofia quanto as ciências de sua época. Estruturada inicialmente por Husserl, a Fenomenologia foi um campo fértil tanto para colaboradores e colaboradoras, quanto para críticos e teóricos, que sentiram a necessidade de reagir ao projeto husserliano, denotando sua importância ao longo das décadas até os tempos atuais (ZAHAVI, 2018). Enquanto pensamento inovador e crítico, a Fenomenologia preocupa-se com a dimensão da consciência, buscando descrever e especificar as estruturas que caracterizam essa consciência em sua relação com o mundo, sempre a partir da experiência humana (GALLAGHER, 2012). Mais do que um conjunto de teorias ou doutrinas, a Fenomenologia se mostra como uma filosofia transcendental, que a partir de seu próprio método objetiva – em certa continuidade à tradição kantiana (RICOEUR, 2009 [1954]) – dirigir o foco para a relação que o sujeito transcendente estabelece na constituição de sua realidade, cuja condição de existência se dá fundamentalmente a partir de sua dimensão experiencial e subjetiva. A Fenomenologia possibilita descrever o mundo que aparece (fenômeno) a partir de uma perspectiva de primeira pessoa, e por consequência “evita postulados metafísicos e científicos ou especulações” (ZAHAVI, 2003, p. 14).

O desenvolvimento intelectual da trajetória husserliana encontra-se marcado tanto em sua biografia quanto em seu pensamento, sempre em certa relação com os gestos fundadores que a precederam (DEPRAZ, 2008)³. Em seu pensamento, Husserl, por si mesmo conecta-se à linhagem intelectual de Descartes a Kant. Para o autor, Descartes inaugurou com suas *Méditations Métaphysiques* um pensamento radical com relação à filosofia, em que ambicionou reconstruí-la como uma unidade universal das ciências, possibilitando uma fundamentação última (HUSSERL, 2015 [1929]); Kant, por outro lado, oferece a estrutura da Filosofia Transcendental que Husserl, sem deixar de criticá-lo, utiliza para o desenvolvimento da Fenomenologia (HUSSERL, 2008 [1954]).

Ainda buscando explorar o ambiente intelectual do pensamento husserliano, Smith (2014) exalta que as concepções epistemológicas do final do século XIX e começo do XX estavam cindidas. De um lado, propunha-se a apreensão da realidade a partir de uma visão empirista, na qual o conhecimento aparece à mente através de dados sensórios de coisas mundanas. Do outro, havia um ponto de vista de caráter mais racionalista e cartesiano, no qual o que aparecia à mente eram ideias claras e distintas formadas racionalmente (DARTIGUES, 2005; SMITH, 2014). Ao resgatar, criticar e desenvolver o projeto de diversos pensadores de tantas escolas, Husserl produziu uma obra que, mesmo que tenha passado por diversas mudanças, correções e variações ao longo tempo, produziu frutos que repercutem em diversas áreas do conhecimento, até mesmo impactando as referidas escolas epistemológicas (ZAHAVI, 2018).

A Fenomenologia objetivou seguir um caminho diferente de todos estes grandes autores e correntes do pensamento filosófico. Husserl avançou no desenvolvimento da fenomenologia tratando os fenômenos a partir dos

2

Não caberá aqui uma discussão a respeito da validade ou coerência dos pensamentos que foram de alguma forma traduzidos ou apropriados pela psicologia. Porém, se faz necessário tentar compreender o que se entende por Psicologia Fenomenológica, seu conceito, objetivo e fundamentações epistemológicas, uma vez que isto influencia diversas consequências metodológicas e práticas que sucedem ao conceito.

3

Formado inicialmente em matemática, Husserl direcionou-se posteriormente à Psicologia e à Filosofia. Husserl foi muito influenciado pelo psicólogo Franz Brentano, com quem estudou dois anos em Viena, e cuja importância na fenomenologia é capital para o desenvolvimento do pensamento não apenas de Husserl, mas de toda uma escola de pensamento posterior. Husserl também foi altamente influenciado pela matemática e lógica de Stumpf e Weierstrass em Berlim (GOTO, 2015).

4

O *Artigo* teve cinco versões, sendo somente a primeira em parceria. As demais ficaram com autoria única de Husserl, após romperem sua parceria de colaboração (HUSSERL, 1990 [1927]).

modos como dados à consciência. A consciência, dessa forma, perde um possível caráter passivo ou estático, sendo compreendida como um fluxo de vividos em direção ao mundo (DÉPRAZ, 2008; SMITH, 2014). Em parceria com Martin Heidegger, Husserl envia um verbete intitulado “Phenomenology” para publicação na *Encyclopaedia Britannica* em 1927⁴. Neste, qualificam a Fenomenologia como matéria fundamental para o retorno à consciência, estipulando uma determinação radical para este retorno, ao mesmo tempo que discutem sobre a exploração sistemática do campo que é posteriormente revelado; assim, a Fenomenologia serviria como um guia da problemática filosófica sobre a questão dos entes em sua multiplicidade de formas e níveis (HUSSERL; HEIDEGGER, 1927).

Um *fenômeno*, dessa forma, seria aquilo que surge, apresentando-se em um determinado campo de consciência de forma pura. Estes fenômenos se apresentam à consciência devido a uma característica fundamental e *a priori* da mesma: a intencionalidade. A consciência se mostra sempre sendo consciência de algo, direcionando-se e captando um determinado fenômeno exclusivamente. Isto iria contra tanto a tendência psicologista de Kant e Descartes, quanto à tendência naturalista e objetivista da época (DARTIGUES, 2005; GOTO, 2015).

Para a Fenomenologia ter um caráter de fundamentação radical das teorias do conhecimento filosófico e científico, se faz necessário – seguindo o exemplo cartesiano, porém indo além do mesmo – colocar tanto a experiência que se possui do mundo, quanto as diferentes formas de apreensão de conhecimento, como *preconceitos* cuja validade deve ser questionada. O mundo, nesta visão, torna-se por um tempo indeterminado não um campo factual e apodítico, mas algo questionável e pretensioso (HUSSERL, 2016 [1913]). A partir da redução fenomenológica seria possível acessar um plano transcendental onde se encontra o fundamento absoluto do conhecimento, indo além da atitude natural e cotidiana que toma o mundo como dado por si mesmo. Longe de ser uma supressão da vida, a redução objetiva colocar em suspenso e fora de ação todas as afirmações aparentemente óbvias acerca da existência, possibilitando uma melhor compreensão das mesmas (MERLEAU-PONTY, 2011 [1958]).

A partir de suas obras iniciais sobre matemática e lógica, Husserl (2014 [1901]) já explora a possibilidade de uma fundação absoluta para as ciências e para o conhecimento. Mesmo assim, como a Fenomenologia se preocupa em ser também uma análise da consciência; a pesquisa acerca do fundamento deveria ser claramente orientada a partir do sujeito. “Ali já percebemos a dupla preocupação da fenomenologia: ela será, de uma só vez e numa unidade, a visada de um fundamento objetivo absoluto e a análise da subjetividade da consciência” (THÉVENAZ, 2017 [1952], p. 253). A Fenomenologia caracterizou-se, então, como uma ciência pura, que, buscando prover uma doutrina fundamental, retorna às coisas mesmas, às essências que se apresentam à consciência através do método fenomenológico⁵.

Fenomenologia e as Ciências Positivas: A Crítica à Psicologia

Em suas *Investigações Lógicas*, Husserl comenta sobre a necessidade de uma investigação das ciências através de uma metafísica ou doutrina da ciência, por considerar necessário uma análise e fundamentação destas, uma vez que, mesmo tratando da efetividade real das coisas, acabam por oferecer explicações inadequadas quando questionados seus pressupostos subjacentes.

E o fato de que precisamos de fundamentações para, no conhecimento, no saber ultrapassarmos o imediatamente evidente e, por isso, trivial, torna

5

Por essência, Husserl designa “aquilo que se encontra no ser próprio de um indivíduo como o que ele é”. (HUSSERL, 1913, p. 35). Seria possível intuir estas essências, apreendendo através de uma ideação/intuição (*Wesensschau*) as essências puras correspondentes.

não só possíveis e necessárias às ciências mas, juntamente com as ciências, também uma *doutrina da ciência*, uma lógica (HUSSERL, 2014 [1901], p. 12).

Goto (2015) assera que uma das principais motivações deste pensamento poderia também ser descrita como a busca pela fundamentação de todas as ciências. Buscando ultrapassar o objetivismo naturalista presente à época, Husserl procurou um fundamento universal que explorasse a essência de todos os conhecimentos dados *a priori* (eidéticos), uma vez que “*não há nenhuma ciência de fatos, plenamente desenvolvida como ciência*, que possa ser pura de conhecimentos eidéticos e, com isso, *independente das ciências eidéticas, quer formais, quer materiais*” (HUSSERL, 2016 [1913], p. 44).

Outra via de argumentação de Husserl contra as supostas explicações extensivas da realidade pelas ciências naturais é sua operação através de uma atitude natural (*Naturale Einstellung*); tanto as ciências naturais quanto psicofísicas são “ciências do mundo” (HUSSERL, 2016 [1913]). A atitude natural refere-se a um movimento ordinário no mundo, adotando uma postura em que tudo já é pressuposto ou dado previamente (ZAHAVI, 2003). Esta visão indicaria uma “ingenuidade” das ciências naturais, bem como uma limitação para algo que estaria além de seu alcance⁶. Dessa forma, Husserl ressalta que não seria possível dar conta do sentido de certos aspectos fundamentais da vida humana e cognoscente (como a consciência, a intencionalidade) a partir de alguma ciência ou pensamento existente na época, cujas proposições e atitudes ainda se mantinham como naturais (GALLAGHER, 2012; GOTO, 2015).

Em meio ao debate acerca da validade das ciências, empreendido pela fenomenologia, entra em cena a delicada questão da Psicologia. Em suas críticas ao psicologismo e ao naturalismo, Husserl buscou cada vez mais diferenciar a psicologia da filosofia (GOTO, 2015), dado que a psicologia não seria capaz de fundamentar as ciências, pois não poderia ser identificada como uma ciência apriorística, e sim como mais um modelo baseado nas ciências naturais, que objetiva explicar fatos a partir do método científico (MERLEAU-PONTY, 2011).

O Projeto Husserliano de uma Psicologia Fenomenológica

Mesmo a partir dessa série de debates entre Fenomenologia e Psicologia, não significa que Husserl tenha visto como tarefa impossível o desenvolvimento de uma ciência psicológica, mas sim que seria necessário a elaboração de um projeto de natureza outra; um projeto que estabelecesse uma contraposição ao fisicalismo que, desde os autores modernos se mostrou presente nas discussões sobre a dimensão psíquica (HUSSERL, 2008 [1954]). Logo em suas primeiras obras, que dão início ao pensamento fenomenológico, se faz presente sua proposta de uma psicologia descritiva das vivências, algo que vai contra o logicismo (em que categorias lógicas que teriam um *a priori* em si) e o psicologismo (em que o conhecimento e a lógica seriam produtos exclusivos ao indivíduo em processos psíquicos) (HUSSERL, 2014 [1901]). Como adendo importante, Husserl posteriormente retira o termo “psicologia” quando se refere à ideia da Fenomenologia como atividade descritiva, denotando um importante desenvolvimento e separação do pensamento do autor com relação à ciência psicológica que será abordada adiante (ZAHAVI, 2003; GALLAGHER, 2012).

Novamente, a “Fenomenologia é uma tentativa de descrever nossa experiência de sentido, mas não do modo como a psicologia poderia tentar explicar esta experiência” (GALLAGHER, 2012, p. 22). Dessa forma, mesmo que Husserl tenha proposto o desenvolvimento de uma nova psicologia, seu

6

Não se trata de uma consideração crítica vazia para com a ciência, tratando-a como uma atividade sem importância, mas sim que Husserl “[...] não se opunha à explicação científica natural. Em vez disso, Husserl se opunha ao *cientificismo*, a visão positivista em que tudo é totalmente explicável pela ciência natural” (GALLAGHER, 2012, p. 25).

interesse não estava em analisar a constituição psicofísica do ser humano, muito menos em investigar empiricamente a consciência. Ao contrário, ambicionou entender “aquilo que intrinsecamente e em princípio caracteriza percepções, julgamentos, sentimentos, e assim por diante” (ZAHAVI, 2003, p. 12).

O projeto de psicologia fenomenológica oferecido por Husserl (1977 [1925]; 2008 [1954]) deve-se, ao menos em parte, à inicial contraposição de Wilhelm Dilthey à psicologia moderna, seguida de sua proposta de reforma da ciência psicológica. A partir do século XIX a psicologia recebeu um novo impulso em sua atividade científica através de grandes nomes da fisiologia e da física alemãs. Nesta época “surgiu uma psicologia intimamente conectada com as ciências naturais e especialmente com a fisiologia, a qual era fielmente adaptada à natureza de seu método” (HUSSERL, 1977 [1925], p. 2). Dessa forma, tanto Dilthey (2008 [1894]) quanto Husserl reconhecem o cada vez maior desenvolvimento e potencial da atividade científica, cujo projeto instaura-se e fortifica-se desde a modernidade; entretanto, a crítica destes autores remete a uma visão inocente, e conseqüentemente imprópria, em aplicar o método das ciências da natureza à vida psíquica, deixando de lado as formas essenciais específicas à mentalidade, como a subjetividade intencionalmente ativa (HUSSERL, 2008 [1954]).

Embora Dilthey (2008 [1894]) tenha oferecido uma interessante alternativa ao modelo fisicalista, enfatizando a unidade da vida psíquica como uma unidade da experiência vivida, Husserl (1977 [1925]) viu diversas limitações em seu projeto de psicologia descritiva. Ainda segundo Husserl, Dilthey teria oferecido de forma inadequada maiores esclarecimentos a respeito da possibilidade de realização de seu método, principalmente no que se refere a uma restrição de sua análise como direcionada ao puramente individual. A questão posta refere-se à necessidade colocada por Husserl em compreender a psicologia como uma “ciência que reconhece as leis da vida psíquica e as leis que conforme a mentalidade e a cultura comuns, tomadas universalmente, desenvolvem-se” (HUSSERL, 1977 [1925]). Husserl não deseja uma psicologia que se limite às explicações individuais, senão leis psicológicas que possuam um valor universal.

Concebe igualmente a necessidade de uma análise científica descritiva e sistemática levada a cabo por uma base intuitiva, que seja compreendida a partir de um nexus ou um entrelaçamento de percepções, sentimentos, vontades e pensamentos, que chamou de experiência vivida (*Erlebnis*) (HUSSERL, 1977 [1925]). Esta experiência se dá na dimensão pré-judicativa, pré-científica e pré-teorética. Para Husserl, tanto o trabalho científico quanto qualquer trabalho do pensamento teórico são possíveis se e somente se houver um ponto de partida deste mundo primeiro e originário (*Lebenswelt*), composto pelo entrelaçamento de uma comunidade intersubjetiva, sob cujas experiências tornam praticável qualquer compreensão inteligível (ZAHAVI, 2003). Este mundo-da-vida originário não refere à dimensão em que os indivíduos tomam os objetos como distintos de si mesmos, mas sim da especificação de suas existências, que fundamenta a possibilidade de posterior judicação (GALLAGHER, 2012).

A psicologia não podia deixar de fracassar porque a sua tarefa, a de pesquisa da subjetividade concreta integral só podia ser alcançada por um estudo radical, totalmente sem preconceitos que não poderia, então, deixar de abrir as dimensões transcendentais-subjetivas. Para isso eram manifestamente necessárias considerações e análises do mundo pré-dado semelhantes às que realizamos numa lição anterior [...] (HUSSERL, 2008 [1954], pp. 224-225).

É possível compreender o projeto husserliano de psicologia fenomenológica a partir dos seguintes pontos: “Aprioricidade, Intuição Eidética ou Descrição Pura, Intencionalidade; mencionemos também a característica de permanecer na atitude dogmática natural ao invés da atitude especificamente filosófica, isto é, transcendental” (HUSSERL, 1977 [1925], p. 33); o que representa:

1. Uma contraposição às ciências duras, que emergiram a partir de uma afirmação unilateral sobre a realidade, cujo método dava lugar para os próprios produtos deste método e não à experiência, eliminando assim a dimensão de primeira pessoa (experencial) e tentando permanecer com o que restava desta equação: o físico;

2. Uma contraposição às ciências que Husserl intitula “sócio-culturais”, que incluem a psicologia, a história e outras, cujo interesse se dava estritamente na dimensão do mental, não sendo capazes de alcançar um resultado correlativo com questões concernentes à origem da relação do mental com o mundo físico habitado;

3. Uma necessidade de retorno ao mundo pré-científico (*Lebenswelt*), no qual a divisão criada tanto pelas ciências naturais (que exclui o mental), quanto pelas ciências histórico-sociais (que mostram uma falta de concretude), se mostra inteligível. Neste mundo, ambas estas dimensões da experiência humana se dão entrelaçadas, conjuntamente;

Isso posto, Husserl distingue dois caminhos para o estudo da consciência. De um lado haveria a Fenomenologia Transcendental (*Transzendente Phänomenologie*), e do outro a Psicologia Fenomenológica (*Phänomenologische Psychologie*) (ZAHAVI, 2010; GOTO, 2015). Ambas, em sua natureza, lidam com a consciência, porém, a partir de diferentes abordagens. Na primeira, há um ambicioso interesse pela dimensão constitutiva da subjetividade, analisando a consciência como condição possível para o sentido e a verdade. Já a Psicologia Fenomenológica seria caracterizada como uma ontologia regional⁷, em que se investigaria a consciência por si, tomando a perspectiva de primeira pessoa rigorosamente, e desta forma remanescendo com a atitude natural (ZAHAVI, 2010, 2018). Essa característica “dual” empírico/transcendental marca o reconhecimento de que o sujeito empírico e o transcendental não são dois sujeitos diferentes, mas sim “dois modos diferentes de conceber um e o mesmo sujeito” (ZAHAVI, 2004, p. 335). Depreende-se disso uma inseparável geminação interna entre psicologia e filosofia transcendental (HUSSERL, 2008 [1954]).

Para Husserl, o indivíduo é um ego-transcendental, mesmo não consciente disso, quando na atitude natural. Se tomada a atitude transcendental, abre-se um território marcado pela universalidade do ser (HUSSERL, 2008 [1954]). Esta proximidade da ciência fenomenológica e da ciência psicológica pode ser explicada tanto pelo objeto que é comumente partilhado (consciência, mente, atos mentais), como pelo entendimento de que ambos os caminhos (o fenomenológico-transcendental e a psicologia fenomenológica) devem ser paralelos, trilhados juntos, em direção à busca de uma fundamentação última (GOTO, 2015). Zahavi (2010) considera que Husserl não desconsiderava a possibilidade de que suas análises pudessem fornecer diversas consequências para o estudo de uma psicologia da consciência, bem como a possibilidade do contrário ser igualmente possível. Dessa forma, tanto a análise relativa à fenomenologia transcendental, quanto a teoria da constituição transcendental do mundo objetivo, poderiam ser pensadas em entendimento com a dimensão do natural. Este paralelo entre psicologia fenomenológica e fenomenologia transcendental evoca a possibilidade de ocorrer a passagem de uma para outra através de uma mudança de atitude, uma possibilidade de uma iluminação mútua e proveitosa entre dois campos de conhecimento (HUSSERL, 2008 [1954]; ZAHAVI, 2010; MERLEAU-PONTY, 2011 [1958]).

7

“A compreensão de Husserl da **ontologia** compreende ontologias formais e ontologias regionais. Considerando a ontologia formal, identifica as formas e leis de combinação pertencentes a qualquer **objetividade**; ontologias regionais são definidas, além das categorias formais puras, por um conceito material e, mais especificamente, pelo conceito de uma região. Para cada região, existe sua própria ciência eidética. É esta ciência eidética regional que Husserl chama de “ontologia regional”. Enquanto as ontologias regionais estão localizadas dentro dos limites categoriais definidos pela ontologia formal, eles também enriquecem a ontologia formal, fornecendo conteúdo material e as formas que pertencem essencialmente à região particular” (DRUMMOND, 2007, p. 180).

No que tange à análise de cunho psicológica, Husserl propôs descrever o processo intencional da consciência sem a utilização de explicações causalistas ou aspectos psicofísicos, algo que seria um retorno a uma noção naturalizada de consciência que a psicologia científica da época se ocupava (DEPRAZ, 2008). A crise denotada por Husserl (2008 [1954]) não seria evidenciada apenas em momentos críticos do pensamento, mas também em sua não-reflexão; as ciências positivas tiveram tamanho sucesso, que pararam de meditar sobre suas próprias fundamentações e possíveis limitações, deixando de lado uma série de questões metafísicas importantes que poderiam fornecer esclarecimentos ontológicos e epistemológicos em seu próprio domínio de saber (ZAHAVI, 2003). Ao contrário dessa visão irrefletida da ciência (em que se inclui a psicologia) a via da psicologia fenomenológica trataria estritamente da subjetividade, sua estrutura originária e suas experiências vividas, possibilitadas pela intencionalidade da consciência. Para Depraz (2008), a via da psicologia fenomenológica, em conjunto com a via do mundo da vida e a via da lógica, possibilitaria uma mudança de paradigma metodológico da fenomenologia: do estático (que considera apenas a visada noemática do objeto) para o genético (emergência da gênese da vivência da relação).

Concepções Contemporâneas de Psicologia Fenomenológica

Acerca das discussões contemporâneas com respeito à relação entre Psicologia e Fenomenologia, emergem uma série de questões epistemológicas e metodológicas sobre a possibilidade do uso da fenomenologia como recurso em pesquisas ou mesmo outras formas de aplicações em psicologia. Nestes aspectos, abordagens atuais parecem divergir sobre a temática. Feijoo e Goto (2016) consideram que pesquisas e investigações fenomenológicas em psicologia devem necessariamente pautar-se no método fenomenológico, dando continuidade ao que já foi proposto por Husserl; assim, as características de uma pesquisa fenomenológica seriam: a redução psicológico-fenomenológica, a descrição dos vetores internos dos fenômenos psíquicos, e a explicitação das vivências. A partir da transposição do modelo ontológico-natural para o fenomenológico, seria possível a inauguração de uma atitude fenomenológica em que há a possibilidade de se pensar uma pesquisa psicológico-fenomenológica. Nessa proposta, a psicologia não seria uma linha, abordagem ou método empírico, e sim uma psicologia fundada essencialmente em um território eidético transcendental. Em acordo com esta última posição, Raffaelli (2004) também considera a psicologia fenomenológica ou eidética aquela psicologia que estaria em acordo com a estrutura da fenomenologia husserliana, seguindo a proposta metodológica da redução fenomenológica.

Enquanto parte da literatura pós-husserliana brasileira contemporânea parece tender para uma vinculação com a proposta husserliana, há também propostas em que se argumenta distintamente. Essas posições divergentes parecem mostrar-se a favor da possibilidade de alargar a vinculação teórica das pesquisas em psicologia quando referidas ao método fenomenológico, bem como a utilização de outros autores da tradição Fenomenológica. Essas concepções distintas parecem aproximar-se de proposições cujo conceito de psicologia fenomenológica situa-se a partir de uma fundamentação humanista, existencial, gestáltica ou hermenêutica (AMATUZZI, 2009; DUTRA, 2013; ROEHE, 2012). Nessas, a psicologia fenomenológica pode ser entendida como uma proposição originalmente filosófica, que se direciona para os mesmos temas tratados pelos profissionais da área de saúde mental e ao “simples” viver humano. Tratar-se-ia de uma filosofia fenomenológica, exercida qualitativamente no contexto científico. Pode-se dizer então que há psicologias inspiradas no aporte fenomenológico que fariam uso de parte da

construção de concepção de mundo fornecida pela fenomenologia, porém empregando distintas metodologias ou projetos teóricos (SPIEGELBERG, 1972; RAFFAELLI, 2004).

Parte considerável da literatura destaca a relação da fenomenologia e da psicologia a partir do existencialismo, abrindo portas para possíveis interpretações da fenomenologia (primariamente como uma filosofia e uma fundamentação para as ciências) ligada a campos como a psicoterapia, psiquiatria, e a saúde mental⁸. Este pensamento, que viria inaugurar a psiquiatria fenomenológica, principalmente encabeçado a partir de figuras como Jaspers, Minkowski e Binswanger, demonstrava também uma maior maleabilidade teórica, adotando outras perspectivas além da Husserliana, como as de Scheler e Heidegger. Ainda na relação entre fenomenologia, psicopatologia, psiquiatria e psicologia, “a maior implicação é que a filosofia fenomenológica não apenas influenciou a psicologia e psiquiatria a partir de fora, mas que as invadiu e está agora estabelecida dentro delas” (SPIEGELBERG, 1972, p. XXXV).

Uma outra via dessa relação entre as disciplinas “psi” e a Fenomenologia é explicitada por Castro e Gomes (2011). Os autores comentam diversas alternativas utilizadas no final do século XX para o uso da fenomenologia na psicologia, que herda e adapta uma série de conceitos inicialmente trabalhados por Husserl, direcionando-os à um uso específico. Citam, por exemplo, a utilização da redução fenomenológica como movimento de pesquisa pela Duquesne University na década de 60 e 70; o uso da fenomenologia como recurso experimental para estudar a percepção, que buscou difundir um programa de ensino utilizando uma abordagem no contexto experimental, utilizando recursos da Fenomenologia como a *epoché* e a variação imaginativa; e ainda a Fenomenologia naturalizada em relação com as ciências cognitivas, que intenta o estabelecimento de um programa científico mais integral que os paradigmas atuais, tentando conciliar o estudo da experiência em primeira pessoa ao passo em que se dá valor para a análise no nível neurofuncional⁹.

Método

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica efetuada nas seguintes bases de dados abertas: Scientific Electronic Library Online (SciELO); Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e o Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). O indexador utilizado para a pesquisa foi “Psicologia Fenomenológica”. O trabalho buscou restringir a pesquisa apenas a artigos publicados online em periódicos brasileiros. Foram admitidos artigos sem nenhum recorte temporal específico¹⁰.

A opção por esse indexador se deu após testes insatisfatórios com outros indexadores. Quando utilizados os termos “Psicologia” and/e “Fenomenologia”, observou-se a ocorrência de mais de 500 artigos resultados da pesquisa. Entretanto, após uma pré-análise dos resultados, observou-se que muitos deles não faziam quaisquer referências aos temas abordados na pesquisa, ou não possuíam nenhuma relação com Fenomenologia, Psicologia, ou temas afins. Desta forma, deu-se por satisfeito apenas o uso do indexador “Psicologia Fenomenológica”, entendendo-o como limitado por restringir sintaticamente o uso do termo pelos autores e autoras, porém mais cabível ao tipo de pesquisa a ser executado de modo preliminar e exploratório.

A pesquisa executou uma análise de conteúdo qualitativa dos resultados, a partir da leitura integral de todos os artigos encontrados, objetivando identificar a concepção de Psicologia Fenomenológica presente em cada artigo, bem como a natureza do artigo (se teórico ou empírico). Também

8

É pertinente citar que esta passagem para um campo de natureza mais “empírica” foi explorada inicialmente por psiquiatras que, a partir de um profundo estudo filosófico, viram na fenomenologia uma possível aliada na fundamentação e no estudo compreensivo das vivências humanas, sejam estas patológicas ou não (SPIEGELBERG, 1972; BEUMONT, 1992).

9

Zahavi (2004) afirma que “sugerir que uma consideração fenomenológica poderia ser absorvida, reduzida, ou substituída por uma consideração naturalística não faz sentido para Husserl” (ZAHAVI, 2004, p. 334). Em contraposição, o autor sugere que a Fenomenologia transcendental entre em uma troca frutífera com as ciências empíricas.

10

Este trabalho também se encontra vinculado à pesquisa de Orengo (2017), que fez uma pesquisa apenas na base de dados SciELO, limitando-se a uma análise bibliométrica quantitativa, cuja leitura se deu a partir dos resumos de 8 (oito) artigos. A presente pesquisa, entretanto, objetiva realizar uma pesquisa quali-quantitativa, considerando que tanto as informações estatísticas quanto os dados de ordem conceitual e semântica podem oferecer um resultado mais abrangente e satisfatório, condizente ao objetivo da pesquisa em questão.

foram analisados dados mensuráveis advindos dos diversos artigos analisados, como: autoria, vinculação institucional, data de publicação, principais autores utilizados como referência, veículos de difusão, além das principais palavras-chave utilizadas. A análise qualitativa deu-se através dos seguintes passos: 1) Leitura integral de todos os artigos resultantes da pesquisa; 2) Separação dos artigos em diversos agrupamentos que buscaram estabelecer aproximações correspondentes aos conceitos de Psicologia Fenomenológica identificados; 3) Agrupamento gradativo em macro-categorias¹¹ que buscavam representar a concepção de Psicologia Fenomenológica dos artigos de forma mais generalista, dando ênfase nas similaridades entre eles; e, 4) Análise das macro-categorias individualmente, relacionando com a literatura do tema, e propondo hipóteses de análise.

Resultados

A pesquisa foi realizada durante o mês de setembro de 2017, tendo selecionado um total de 74 artigos passíveis de uma análise primária, a partir do indexador “Psicologia Fenomenológica”. A base de dados que mais gerou resultados foi a base PePSIC, com 64 resultados; seguido pela base LILACS com 24 resultados e por último a base SCIELO com 13 resultados. Destes 101 resultados iniciais, após a pesquisa inicial, foi feita uma filtragem através dos critérios de inclusão e exclusão. Os critérios de inclusão foram: 1) Ser um trabalho em formato de artigo científico; 2) Publicação em Periódicos Brasileiros; 3) Estar disponível para consulta online. Os critérios de exclusão foram: 1) Ser tradução de algum artigo internacional; 2) Ser publicação de uma revista internacional; 3) Trabalhos não disponíveis online. Após a aplicação destes critérios, foram excluídos artigos que apareceram repetidamente em diferentes bases de dados.

Os artigos selecionados ofereceram resultados bibliométricos como I) Filiação Institucional; II) Ano de Publicação; III) Autores citados nas referências; IV) Periódico de publicação; e V) Natureza dos Artigos (empírico ou teórico). Também foi possível através do método empregado obter resultados qualitativos sobre as diferentes concepções de Psicologia Fenomenológica, como a formação de três categorias (unidades de sentido) de artigos. Estes referem-se à Psicologia Fenomenológica como 1) Método de Pesquisa em Psicologia; 2) Categorias própria da Fenomenologia; e 3) Abordagem Clínica em Psicologia.

Resultados Bibliométricos

Os resultados bibliométricos da pesquisa apontam informações auxiliares relevantes a respeito da produção de artigos sobre o tema. A maioria dos artigos é de autoria única (55%). Com relação aos autores, mesmo sendo uma medida sujeita a uma série de problemas, percebe-se que nomes como Virginia Moreira e Elza Dutra surgiram como as que mais produziram artigos, com seis trabalhos cada. Em seguida, William Gomes aparece com cinco artigos, seguido por Mauro Amatuzzi, Danilo Verissimo e Savio Peres com quatro artigos cada. Os demais autores aparecem com três artigos ou menos, no escopo dessa pesquisa.

Com relação às bases bibliográficas, dos 74 artigos selecionados, a maior quantidade deriva da base de dados PePSIC, contando com 53 artigos. Em segundo lugar, a partir da base Lilacs foram obtidos oito artigos para pesquisa. A base de dados que ofereceu o menor número de artigos foi a Scielo, com seis artigos. Somando aos números das bases PePSIC e Scielo, seis artigos escolhidos para a análise foram encontrados em ambas as bases. Os artigos selecionados para o *corpus* da pesquisa datam principalmente de

11

Descritas a seguir, no item “Resultados Qualitativos”.

2014 (12 artigos), e 2013 (11 artigos), seguidos por 2009 e 2011 com sete artigos cada. O artigo mais antigo, data de 1991, e o mais recente de 2016; percebe-se um aumento na quantidade de publicação ao longo dos anos.

Com relação à produção dos artigos selecionados por instituição de filiação de autoria, destacaram-se a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) com oito artigos, seguido pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) com sete artigos; a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade de São Paulo com seis artigos; a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Universidade de Brasília (UNB) e Universidade Estadual Paulista (UNESP) com quatro artigos. Universidades como UFPR, UFRJ, entre outras obtiveram três ou menos artigos publicados no escopo desta pesquisa.

Os autores mais citados nas respectivas bibliografias foram Merleau-Ponty e Husserl, presentes em 27 artigos. Seguido a estes nomes, foram citados: Heidegger (16 artigos), Amedeo Giorgi (13 artigos); Carl Rogers e Mauro Martins Amatuzy foram citados em 11 artigos; William Gomes em dez artigos; Yolanda Forghieri em nove artigos; Sartre, Medard Boss, Holanda, Moreira e Spiegelberg em sete artigos. Ainda tivemos referências a Binswanger (seis artigos); Goto (cinco); Tatossian, Buber e Minkowski (quatro); Ricouer, Freud, Castro, Perls, Bicudo, James e Wundt (três); Giovanetti e Kierkegaard (dois). O resto teve cerca de uma citação apenas nos artigos.

Foi observado também que a maior parte dos artigos sobre a temática (18 trabalhos) foi publicada no periódico *Phenomenological Studies - Revista de Abordagem Gestáltica*. Na sequência, aparecem a revista *Estudos de Psicologia* (Campinas) com oito artigos; as revistas *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (Brasília) e *Psicologia em Estudo* (Maringá) com cinco artigos. As demais revistas publicaram quatro ou menos artigos. Com relação ao tipo de artigo, observou-se que a grande maioria (76%) estão categorizados como artigos teóricos, em contraste com 24% de artigos em pesquisas empíricas.

Resultados Qualitativos

Após a leitura dos 74 artigos, foi possível, através da metodologia de análise de conteúdo selecionada, estabelecer três categorias de análise que permitem inferir hipóteses a respeito do que os artigos compreendem por psicologia fenomenológica no Brasil. Em princípio, foi feita uma leitura de todos os artigos integralmente. Posteriormente, os artigos foram agrupados a partir da concepção de psicologia fenomenológica de cada trabalho. Após isso, essas diversas categorias foram agrupadas buscando efetuar relações entre o sentido de cada trabalho, depreendendo-se três categorias principais: 1) Psicologia Fenomenológica como Método de Pesquisa em Psicologia; 2) Psicologia Fenomenológica como Categoria própria da Fenomenologia, e 3) Psicologia Fenomenológica como “Abordagem” Clínica em Psicologia. Em seguida, foram analisadas cada uma das categorias finais, buscando descrevê-las e compreender seu significado. É importante novamente demarcar que não se objetiva estabelecer aqui uma valoração teórica sobre qual tipo de psicologia seria a mais correta ou viável, mas simplesmente caracterizar e mostrar as diferentes variações que um conceito da fenomenologia pode apresentar, impactando também no discurso da comunidade científica que nestes conceitos derivados, se apoiam.

1. Psicologia Fenomenológica como Método de Pesquisa em Psicologia.

Nesta categoria, inserem-se os artigos que consideram a utilização de um método inspirado fenomenologicamente como possível recurso para pesquisas em psicologia. A principal ideia que ilumina esta concepção de psicologia fenomenológica é que, derivados do tradicional método fenomenológico, podem ser deduzidos recursos úteis para o estudo da experiência subjetiva, dando lugar a uma perspectiva em primeira pessoa, que exalta o discurso e a auto-percepção do sujeito, ao invés de apenas fazer inferências de 2ª ou 3ª pessoa (BRANCO, 2014; CASTRO; GOMES, 2011). Esta concepção de psicologia fenomenológica também refere a pesquisas qualitativas em psicologia, observando-se como o modelo de maior aplicação o método de Amedeo Giorgi (GIORGI; GIORGI, 2008), que perpassa muitas pesquisas no âmbito brasileiro (AMATUZZI, 1998; DIAS; EPIPHANIO; AMATUZZI, 1997; FREITAS; MICHEL, 2014; GOMES, 1999; MÖLLER; ANDRADE, 2011; ZORZI; BORIS, 2013)

2. Psicologia Fenomenológica como Categoria própria da Fenomenologia.

Nesta categoria, inserem-se os artigos que conceituam a psicologia fenomenológica como uma categoria da Fenomenologia, abordada principalmente a partir de Husserl. A psicologia fenomenológica compreendida aqui refere-se a seu projeto, identificado principalmente em suas obras mais tardias, a exemplo da *Psicologia Fenomenológica: Palestras do Semestre de Verão* de 1925, a *Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*, de 1935, e o artigo *Phenomenology* da *Encyclopaedia Britannica* de 1927. Os artigos retomam a concepção husserliana de psicologia fenomenológica como uma atividade não-empírica, que busca não cair nos mesmos erros da psicologia científica, ou seja, considerar o mundo de forma naturalizada, que já é previamente-dado e não necessita de uma consciência.

Em contraposição, a psicologia fenomenológica objetiva estabelecer uma análise das estruturas essenciais da consciência, como uma forma de estudar a subjetividade diferindo da via da Fenomenologia Transcendental. A psicologia fenomenológica busca estabelecer uma análise científica, sistemática e descritiva, através de uma base intuitiva, tendo sua compreensão a partir de uma concepção de subjetividade como um entrelaçamento de sentimentos, vontades, pensamentos, percepções que constituem a experiência vivida, pré-objetiva, que constitui e é constituído no mundo-da-vida (PORTA, 2010; PERES, 2014, 2015).

3. Psicologia Fenomenológica como “Abordagem” Clínica em Psicologia.

Nesta categoria situam-se os artigos que identificam a psicologia fenomenológica com uma abordagem terapêutica da psicologia, compreendida como um modo de terapia a partir de uma inspiração ou vinculação fenomenológica, isto é, não se busca necessariamente estabelecer o método fenomenológico do modo como foi primordialmente proposto por Husserl, mas sim depreender importantes categorias como sujeito, mundo e relação, dentre outros, a partir da tradição da fenomenologia. Em linhas gerais, os artigos consideram o sujeito, o sofrimento ou os transtornos mentais como categorias que não podem ser reduzidas a determinações naturalizantes, ou que retirem seu estatuto único de uma experiência singular no mundo. Também considera aqui a importância de dar voz ao sujeito na experiência clínica, entendendo que ao

apresentar seu discurso e sofrimento, poderá alterar e compreender melhor a si mesmo.

Muitos dos artigos presentes nesta categoria apresentam denominações variadas de psicologia fenomenológica como: psicologia fenomenológico-existencial; psicologia fenomenológico-humanista; psicologia hermenêutica, gestalt-terapia, entre outras. Isto parece indicar a variedade das vinculações teóricas que esta concepção de psicologia apresenta. Deve ser observado que estes artigos não possuem uma vinculação específica com alguma escola, como era o caso da psicologia fenomenológica estritamente husserliana, mas derivam principalmente de uma maior pluralidade de autores como Heidegger, Binswanger, Minkowski, Tatossian, Rogers, Perls entre outros (AMATUZZI, 2009; DUTRA, 2013; 2016; MOREIRA, 2010; SANTOS, 2008; SCHNEIDER, 1998; SILVIA, 2004; ROEHE, 2005; 2012)

Considerações Finais

A pesquisa buscou estabelecer um cenário compreensivo preliminar sobre a produção em psicologia fenomenológica, assim como a relação entre psicologia e fenomenologia. Esta relação cruza a história da Fenomenologia evocando uma série de desafios, questionamentos e possibilidades. Essas instigantes provocações emergem tanto de fora da Fenomenologia, a partir da ciência psicológica experimental e terapêutica, quanto a partir da Fenomenologia, quando estabelece uma crítica à tentativa de total explicação da realidade a partir das ciências, buscando passar de uma atitude natural para uma atitude fenomenológico-transcendental.

Observou-se também que os autores brasileiros parecem utilizar diferentes sentidos para a psicologia fenomenológica, inicialmente explorada por Husserl, porém continuada e desenvolvida por outros diversos autores que seguiram ou divergiram da proposta husserliana. Observa-se, entretanto, um uso difuso nas referências dos artigos, através de diferentes autores e escolas de pensamentos (clássicos e contemporâneos), que por sua vez empregam diversos sentidos transpostos ao conceito de psicologia fenomenológica que divergem entre si. Também se percebe, em diversos desses artigos, uma falta de maior cuidado e precisão para com conceitos fundamentais da Fenomenologia, como a própria Psicologia Fenomenológica. Essa variedade de terminologias da própria Fenomenologia (muitas vezes seguida de adjetivos como hermenêutica, humanista, existencial, qualitativa, transcendental) também, na maioria dos artigos, incorre sem uma explicação básica no que se refere à fundamentação e caracterização do que está se referindo como Fenomenologia.

Em alguns artigos, percebe-se uma tentativa de aproximação e maior aprofundamento do projeto de Psicologia Fenomenológica husserliana, decorrendo daí uma maior citação direta tanto das obras de Husserl quanto de autores clássicos de sua época (FEIJOO; MATTAR, 2014; PERES, 2014; 2015; PORTA, 2010; RAFFAELLI, 2004). Nesses artigos, que variam no grau de comprometimento com o método fenomenológico e o conceito de fenomenologia expostos, parece haver uma maior preocupação com os pressupostos que Husserl propôs no desenvolvimento de seu pensamento. Esses artigos de caráter teórico buscam resgatar o conceito de Psicologia Fenomenológica discutido em Husserl e comentado no Brasil por autores da psicologia preocupados em fundamentar conceitualmente as correntes em psicologia a partir de uma abordagem fenomenológica, que muitas vezes parecem esquecer da importância de compreender a obra husserliana (GOTO, 2015; FEIJOO; GOTO, 2016). Essa compreensão de psicologia fenomenológica, assim, procura não apenas contemplar as contribuições posteriores a Husserl, como também retornar ao que aquele que

desenvolveu a Fenomenologia inicialmente pensava, compreendendo a importância da Fenomenologia husserliana não apenas na história da Filosofia, mas também na Psiquiatria, Psicologia, e outras áreas de conhecimento (ZAHAVI, 2018).

O uso de referências não tão obviamente relacionáveis à Fenomenologia em sua origem – como Freud, Rogers, Foucault, Frankl e Benjamin –, também denotam algumas possibilidades como: a) uma confusão epistêmica de algum dos autores, tentando estabelecer relações teóricas ou práticas de diversas correntes de pensamento cuja fundamentação não se sustenta ou se mostra contraditória; ou b) demonstra uma pluralidade de concepções e possibilidades de diálogo que a Fenomenologia, com todo seu rigor e criteriosidade, é capaz de estabelecer. Há que se notar, igualmente, o fato de que – a partir dos autores e fontes citadas – apesar da referência aos autores originais construtores dessa perspectiva (Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty), a presença de comentadores brasileiros nesta mesma amostra pode indicar um certo direcionamento no “olhar” e na interpretação dos múltiplos sentidos do que se compreende por “psicologia fenomenológica”. Além disso, a alta presença desses comentadores (por vezes em maior número do que os autores originais) pode indicar ainda um limitado acesso às obras originais do movimento fenomenológico pelos pesquisadores e pesquisadoras brasileiros.

Por fim, indica-se uma maior precisão conceitual aos autores que se debruçam sobre a relação entre Fenomenologia e Psicologia, principalmente ao tratarem de um tema que envolva a utilização do conceito de psicologia fenomenológica. Pensar qualquer aplicação, ou transposição do pensamento dos principais expoentes da Fenomenologia à psicologia deve, antes de ser tomada como uma certeza, colocar-se ao escrutínio e ao questionamento das possíveis implicações teóricas e práticas desse uso, buscando compreender essa relação de forma fundamentada e cuidadosa. Para pesquisas futuras, sugere-se a expansão do espectro da busca, visto que os indexadores escolhidos são igualmente limitadores para a própria pesquisa, não alcançando produções de qualidade em outros periódicos.

Sobre o artigo

Recebido: 10/01/2018

Aceito: 30/01/2018

Referências bibliográficas

AMATUZZI, M. M. Psicologia Fenomenológica: Uma Aproximação Teórica Humanista. **Estudos de Psicologia**, v.26, n.1, p. 93-100, 2009.

BEUMONT, P. J. V. Phenomenology and the History of Psychiatry. **Australian and New Zealand Journal of Psychiatry**, v.26, n.4, p. 532-545, 1992.

BRENTANO, F. **Psychologie du Point de Vue Empirique** (1874). Paris: J.Vrin, 2008.

BRENTANO, F. **Descriptive Psychology** (1911). London: Routledge, 1995.

BRITO, E.O. A descrição da atividade intencional da consciência na obra Psicologia Descritiva de Franz Brentano. **Kínesis** (Marília), Vol. IV, nº 07, p. 174-187, 2012.

- BRITO, E.O. Franz Brentano e a Psicologia Empírica. Um projeto de filosofia científica, com Comte, contra Comte. **Revista Guairacá de Filosofia**, V.31, Nr.1, p. 40-54, 2015.
- CASTRO, T. G.; GOMES, W. B. Movimento Fenomenológico: Controvérsias e Perspectivas na Pesquisa Fenomenológica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.27, n.2, p. 233-240, 2011.
- DARTIGUES, A. **O Que é a Fenomenologia**. São Paulo: Centauro Editora, 2005.
- DÉPRAZ, N. **Compreender Husserl**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- DILTHEY, W. **Ideias Acerca de uma Psicologia Descritiva e Analítica (1894)**. Covilhã: LusoSofia Press, 2008.
- DRUMMOND, J.J. **Historical Dictionary of Husserl's Philosophy**. New York: Hardcover, 2007.
- DUTRA, E. Formação do Psicólogo Clínico na Perspectiva Fenomenológico-existencial: dilemas e desafios em tempos de técnicas. **Revista Abordagem Gestáltica**, v.19, n.2, p. 205-211, 2013.
- FEIJOO, A. M. L. C.; GOTO, T. A. É possível a Fenomenologia de Husserl como Método de Pesquisa em Psicologia? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.32, n.4, p. 1-9, 2016.
- FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas**. São Paulo: Editora Pioneira, 1997.
- FUCHS, T. The Challenge of Neuroscience: Psychiatry and Phenomenology Today. **Psychopathology**, v.35, n.6, p. 319-326, 2002.
- GALLAGHER, S. **Phenomenology**. London: Palgrave Macmillan, 2012.
- GIORGI, A. P.; GIORGI, B. Phenomenological Psychology. In: WILLIG, C. **The Sage Handbook of Qualitative Research in Psychology**. London: Sage Publications, p. 165-178, 2008.
- GOTO, T. A. **Introdução à Psicologia Fenomenológica de Edmund Husserl**. São Paulo: Paulus, 2015.
- HOLANDA, A.F. Fenomenologia e Psicologia no Brasil: aspectos históricos. **Estudos em Psicologia (Campinas)**, v.33, n.3, p. 383-394, 2016.
- HOLANDA, A.F.; GOTO, T.A.; COSTA, I.I. A Herança Fenomenológica: Memórias e Recordações de Edmund Husserl. **Revista Ética e Filosofia Política (UFJF)**. v.20, n.1, p. 18-46, 2017.
- HUSSERL, E. **Meditações Cartesianas e Conferências de Paris (1927)** Editora Forense: Rio de Janeiro, RJ. 1ª Edição, 2015.
- HUSSERL, E. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental: Uma Introdução à Filosofia Fenomenológica**. (1954). Lisboa: Phainomenon e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008.
- HUSSERL, E. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica**. (1913). São Paulo: Ideias & Letras, 2016.
- HUSSERL, E. **Investigações Lógicas (1901)**. São Paulo: Forense Universitária, 2014.
- HUSSERL, E. **Phenomenological Psychology: Lectures, Summer Semester (1925)**. The Hague: Martinus Nijhoff, 1977.
- HUSSERL, E.; HEIDEGGER, M. Phenomenology. **The Encyclopaedia Britannica**. London: Encyclopaedia Britannica, 1927.
- HUSSERL, E. **El Artículo de la Encyclopaedia Britannica (A. Ziri6n, Trad. e ed.) (1927)**. Mexico: UNAM, 1990.
- MERLEAU-PONTY, M. **La Fenomenología y las Ciencias Humanas**. (1958). Buenos Aires: Prometeo Libros, 2011.

- ORENGO, F. **O Que o Psicólogo Compreende por Psicologia Fenomenológica**. 2017, 78f. Dissertação (Mestre em Psicologia), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2017.
- PERES, S. P. A fenomenologia de Husserl no contexto da psicologia na virada para o século XX. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, v.15, n.3, p. 986-1005, 2015.
- PERES, S. P. O desenvolvimento do projeto de uma psicologia fenomenológica em Husserl. **Psicologia e Pesquisa**, v.8, n.2, p. 221-229, 2014.
- PERES, S. P. A Fenomenologia de Köhler e o conceito de experiência direta. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v.20, n.2, p. 171-180, 2014.
- PORTA, M. A. G. Psicologismo Trascendental y Psicología Fenomenológica. **Natureza Humana**, v.12, n.1, p. 197-228, 2010.
- RAFFAELLI, R. Husserl e a Psicologia. **Estudos de Psicologia**, v.9, n.2, p. 211-215, 2004.
- RICOUER, P. **Kant e Husserl. Na Escola da Fenomenologia** (1954), Petrópolis: Vozes, 2009.
- ROEHE, M. V. A Psicologia Heideggeriana. **Revista Psico**, v.43, n.1, p. 14-21, 2012.
- SMITH, D. W. Phenomenology. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Winter 2016. <https://plato.stanford.edu/archives/win2016/entries/phenomenology/>, 2016. Acesso em 12.18.2018
- SPIEGELBERG, H. **Phenomenology in Psychology and Psychiatry: A Historical Introduction**. Evanston: Northwestern University Press, 1972.
- SPIEGELBERG, H. **The Phenomenological Movement: A Historical Introduction**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1994.
- SPINELLI, E. **The Interpreted World: An Introduction to Phenomenological**
- THÉVENAZ, P. O que é a fenomenologia?: Parte I, a fenomenologia de Husserl. (1952). **Revista da Abordagem Gestáltica**, v.23, n.2, p. 247-256, 2017.
- ZAHAVI, D. **Husserl's Legacy**. Oxford: Oxford Press, 2018.
- ZAHAVI, D. **Husserl's Phenomenology**. California: Stanford University Press, 2003.
- ZAHAVI, D. Naturalized Phenomenology. In GALLAGHER, S. & SCHMICKING, D. (Orgs). **Handbook of Phenomenology and Cognitive Science**. Dordrecht: Springer, 2010, p. 3-19.
- ZAHAVI, D. Phenomenology and the Project of Naturalization. **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, v.3, n.4, p. 331-347, 2004.